

Portugal: Imposição da gratidão como forma de silenciamento racial

Caso de músico assassinado em um bairro de Lisboa traz à tona questões sobre uma realidade real e brutal de um país que convive com um "racismo silencioso" em sua sociedade



Em 25 de julho de 2020 foi executado com quatro tiros numa rua de Moscavide, região da grande Lisboa, o ator Bruno Candé, 39 anos. Crime cometido em plena luz do dia por Evaristo Marinho, 76 anos, que assumiu ter motivações raciais. O ato brutal gerou grande debate e tornou mais visível ao mundo tensões geradas com o racismo do cotidiano, neste caso enfrentado pela parcela negra da população portuguesa

Para entender as estratégias de silenciamento devemos entender aquilo que chamo "imposição da gratidão". O imaginário português é construído destacando e direcionando os olhares, internos e externos, para aspectos considerados positivos para identidade nacional. Um povo amável que gosta de se "misturar" e que só fez boas coisas para o mundo. Sob esses discursos que são reproduzidos organicamente se oculta tudo aquilo que é considerado negativo. E, nesse aspecto, o racismo tem grande destaque.

Voltemos ao caso Candé. A primeira resposta ao episódio é negar o racismo, não se sabe o motivo que desencadeou uma ação como o assassinato, porém, de imediato se enfatiza não ter viés racial. A partir disso, têm-se início os exercícios realizados por diferentes atores: autoridades policiais, parte da imprensa e principalmente parte da sociedade. Usam chavões, como por exemplo: "Portugal não é racista isso foi uma rixa"; "a vítima certamente deu início ao processo que ceifou sua própria vida"; "a vítima tinha comportamento antissocial, pois escutava música em volume alto e consumia bebida alcoólica ao passear com o seu cachorro"; "no bairro social onde Candé morou não gostam de polícia e/ou não há "boas pessoas" que morem por ali".

Mesmo com a publicidade sobre expressões racistas usadas pelo assassino durante a execução e reafirmadas pelo mesmo, o negacionismo atua intensamente para desqualificar o episódio e manter a narrativa da integração e multiculturalismo português.

A reboque do assassinato, aquilo que constantemente foi varrido para os subterrâneos da sociedade portuguesa ressurgem juntamente com outros fantasmas a partir das manifestações nas ruas e redes sociais. Do micro ao macro, do ontem ao hoje, memórias são remexidas e compartilhadas. Experiências diante do racismo sutil, algo como o *racismo cordial brasileiro*, e vivências mais brutais são colocadas no tabuleiro para apreciação. Momentaneamente, seja para negar ou se indignar, o racismo é servido.

É nessa estrutura que opera o binômio silenciamento e negacionismo, forças de segurança são o ponto de contato, encontro e controle de um outro Portugal. Não o Portugal exemplo de segurança, qualidade de vida, respeito e pluralidade onde todos são felizes e orgulhosos. Mas o Portugal real e brutal, onde suas zonas de exclusão de indesejáveis multiétnicos, até então ocultadas, são discutidas. Aqueles que se arvoram mediar esses diferentes níveis em busca de mudanças passam a ser cobrados publicamente. "Não estão satisfeitos com o país?" "Voltem para suas terras". "Aqui vocês têm tudo. Seus ingratos!" Tudo isso direcionado para portugueses não brancos. Esse é o mecanismo. O não poder reivindicar uma mudança de tratamento por reconhecimento e direitos. Não poder ser ouvido, ter que silenciar e aceitar com docilidade para mostrar que é grato.

Ao falar da existência de um mecanismo aponto para a ausência, intencional, de informações sobre populações etnicamente diferentes, (não há dados sobre raça/etnia no Censo português) e as relações com forças de segurança. Esses temas, no contexto português, despertam ainda pouco interesse entre pesquisadores da academia. Poucos são os intelectuais das Ciências Humanas, por exemplo, que se dedicam a estudar as instituições policiais portuguesas, sua relação com o Estado e a Sociedade em geral. Se compararmos com a produção no Brasil ou outros países de língua portuguesa, podemos ser levados a acreditar que o interesse é nenhum. São temas não abordados e nessa condição deixam de existir, deixam de ser um problema a ser investigado.

Mas, voltemos ao tema da gratidão que a todo momento deve ser lembrado. Os gratos não podem reclamar. A imposição da gratidão também é usada para separação de grupos que são desumanizados. Se você acata o silenciamento, assume o papel de

invisível português. Se você confronta você é o radical, o criador de caso.

A incorporação da docilidade e não questionamento são impulsionadores da imposição da gratidão e silenciamento. As diferenças e os conflitos não são considerados para busca de uma transformação e reconhecimento de suas próprias particularidades.

Manifestações pacíficas contra o racismo e por justiça são lidas como ameaças e geram grande mobilização policial e atenção de veículos de imprensa ávidos para desconstruir ou pelo menos descontextualizar essas ações. Muitos dos movimentos reivindicatórios têm sua inspiração em ações ocorridas no Brasil e inclusive muitas das vítimas brasileiras também são reconhecidas e incorporadas aos pleitos locais.

O que gera duas situações: a) uma mostra uma questão global e isso é lido como positivo e b) a outra indiretamente reforça o argumento que busca impor que são problemas alheios a Portugal. Para um negro português, brasileiro ou dos PALOPS (Países Africanos de Língua Portuguesa) os desafios no cotidiano de Portugal são incontáveis e recorrentes. A desconfiança que os coloca em suspeição constante, a negação de direitos e, por fim: literalmente para ser um português “quase legítimo” é necessário diluir sua negritude e isso passa pela religião, cultura e pela não ousadia de buscar um protagonismo na própria sociedade em que vive.

Def Yuri

Jornalista e cronista

<https://backup.forumseguranca.org.br/seguranca-no-mundo1/si86uth7d2>

